

# CÂMARA ESCURA: MEMÓRIA OBSCURA DO TEMPO EM INÊS LOURENÇO

CIDÁLIA DINIS\*

*A minha infância  
cheira a soalho esfregado a piaçaba  
aos chocolates do meu pai aos Domingos  
à camisa de noite de flanela  
da minha mãe*

*Ao fogão a carvão  
à máquina a petróleo  
ao zinco da bacia de banho  
[...]*

Inês Lourenço, *Câmara Escura*, p. 5

Fendem-se «os versos/com a lâmina Implacável do tempo», crava-se «o sabre rente às vísceras dos verbos», despedaçam-se «os músculos dos sentidos» e de um só gesto, de um só golpe rasga-se «a velha epiderme»<sup>1</sup>: as palavras passam a desenhar-se no papel e a cada imagem captada pela «câmara escura», o poema vai revelando o espectro de um passado que o passar do tempo assassinou e a memória teima em reavivar.

Em *Câmara Escura*, breve antologia organizada por Manuel de Freitas<sup>2</sup>, assistimos já a uma poesia que, segundo, António Guerreiro, é «submetida a um filtro rigoroso e idiossincrático»<sup>3</sup>. De três décadas de publicações, desde *Cicatriz 100%* (1980) a *Coisas que Nunca*<sup>4</sup>, foram selecionados somente 30 poemas. É como se de cada livro fossem apenas reveladas, à luz da «câmara escura», como o próprio título sugere, três ou quatro imagens, que deixando de fazer parte do contexto inicial, passam a (re)criar uma nova narrativa, sucessivas micro narrativas.

De facto, toda a sua progressão textual faz-se no sentido de «uma mais alta definição da voz poética, passando por experiências de dicção em que se podem distinguir essencialmente três momentos» cruciais<sup>5</sup>: uma primeira fase marcadamente

---

\* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

<sup>1</sup> LOURENÇO, 2010: 19.

<sup>2</sup> LOURENÇO, 2012.

<sup>3</sup> GUERREIRO, 2012.

<sup>4</sup> LOURENÇO, 2010.

<sup>5</sup> BRAGA *et al.*, 2001: 92.

*engagé*, feminista e contestatária, a que correspondem *Cicatriz 100%* e *Retinografias*; uma segunda fase, da qual fazem parte *Os Solistas*, onde se assume uma atitude mais distante, descomprometida e mais irónica, sarcástica, em que se esboçam os *vetores* axiais da sua poética; e um terceiro momento, que se inicia com *Teoria da Imunidade* e se estende por *Um Quarto com Cidades ao Fundo*, *A Enganosa Respiração da Manhã*, *Logros Consentidos*, *Disfunção Lírica* e *Coisas que Nunca*, no qual Inês Lourenço opta, manifestamente, por uma poesia mais próxima da realidade, comprometida com o quotidiano, o minimalismo e umbilicalmente apoiada numa «acidez cortante de uma ironia iconoclasta»<sup>6</sup>.

Destes três momentos ressalta, segundo Isabel Allegro Magalhães, «um universo de sensações que são o lugar de arrebatamento, com o desejo e a imaginação a convocá-las, uma epistemologia dos sentidos, que constrói o erotismo e a sensualidade na relação com os seres, os acontecimentos, a corporeidade da existência»<sup>7</sup>. No seio dessa fixação com o comum da vida, onde são fotografados pequenos nada, constantes do presente ou da «decantação da memória»<sup>8</sup>, o ritmo «involuntário» da vida invade-nos «docemente a alma». Desse ritmo «intensamente irregular/ofegante ou sísmico»<sup>9</sup> esboça-se *Câmara Escura*, livro feito de sucessivas reinvenções, de múltiplos sentidos ou sem-sentidos, da *revelação* de rolos fotográficos escrupulosamente guardados na memória, onde a voz da poeta pulsa como «lâmina implacável do tempo», despedaçando os «músculos dos sentidos»:

*Reescrita*

*Fender os versos  
com a lâmina implacável do  
tempo. No umbigo do poema cravar  
o sabre rente às vísceras dos verbos,  
à linfa de adjectivos. Despedaçar  
os músculos dos sentidos. Abrir  
a rede viária do sangue. Romper  
a velha epiderme*<sup>10</sup>.

*Câmara Escura* é, pois, o reflexo de uma voz que ao longo do tempo se foi delineando, num progressivo e contínuo amadurecimento, assente simultaneamente

<sup>6</sup> BRAGA *et al.*, 2001: 92.

<sup>7</sup> SEIXO *et al.*, 2001: 174-176.

<sup>8</sup> SEIXO *et al.*, 2001: 174-176.

<sup>9</sup> LOURENÇO, 2010: 19.

<sup>10</sup> LOURENÇO, 2012: 39.

numa poética de sabedoria e da emoção concebida pela razão. Desde sempre, e segundo valter hugo mãe, que «a escrita desta autora se faz desse estar acima parecendo levar o chão nos pés, ou vir ao chão suportando o céu nas mãos»<sup>11</sup>. É do encontro com a memória, a infância, o corpo, a cidade, o espaço, com a transfiguração do quotidiano e a circunstância que a sua poesia espelha uma (in)temporalidade renovada e inovadora:

*Coisa que Nunca – I*

*Há coisas que nunca  
tivemos em criança e perdem  
o valor para sempre. Aquele sempre  
dos primeiros dez anos, onde o tempo,  
as pessoas, as coisas  
parecem enormes e indestrutíveis.*

*Disfarçar-se de relâmpago  
ou de outras coisas impossíveis, comer  
todos os chocolates, ter uma bicicleta igual  
à do estúpido do vizinho, fazer  
as coisas que os adultos escondem  
atrás da porta dos quartos, retribuir  
a bofetada aos nossos  
legítimos superiores, querer  
morder com justa causa  
tanta gente no mundo e  
só poder no escuro  
morder uma almofada<sup>12</sup>.*

Aqui a memória pode apresentar-se em diferentes vertentes: como imagem poética, capaz de transcender a esfera do simplesmente vivido, para de acordo com Octavio Paz ser «metamorfose, mudança, operação alquímica», e como tal ser «limítrofe da magia, da religião, e de outras tentativas para transformar o homem e fazer “deste” ou “daquele” esse “outro” que é ele mesmo»<sup>13</sup>; como espaço de (re)criação da realidade envolvente e aqui a poesia, ao mergulhar no terreno da memória mais profunda, mais obscura, dá conta da nossa condição enquanto seres humanos finitos, experienciadores de «tempos» que se sobrepõem, que se fundem, mesmo quando esse tempo é fugaz.

<sup>11</sup> MÃE, 2003a.

<sup>12</sup> LOURENÇO, 2012: 36.

<sup>13</sup> PAZ, 2006: 50.

Relembro um poema de Miguel Torga, onde o autor descreve a angústia que enfrenta, face à fugacidade do tempo, quando a imagem se revela:

*Devagar  
hora a hora,  
dia a dia,  
como se o tempo fosse um banho de acidez  
vou vendo com mais funda nitidez  
o negativo da fotografia.*

*E o que sou por detrás do que pareço!  
Que seguida traição desde o começo,  
em cada gesto,  
em cada grito,  
em cada verso!  
[...]*

*Dois homens num só rosto!  
Uma espécie de Jano sobreposto,  
[...]  
Impotente  
e condenado  
a este assombro de se ver forrado  
de um pano de negrura que desmente  
a nua claridade do outro lado<sup>14</sup>.*

Essa fotografia, captada pela «câmara escura» revela-se, assim, como uma imagem dupla: por um lado combina um tempo presente (do ato da percepção), por outro um tempo passado (o da lembrança). Contudo, uma das especificidades do tempo presente de uma imagem reside justamente no facto de que também ela evoca um futuro imediato (quando da sua revelação). Surge, então, na poeta, essa consciência do tempo fotográfico:

*Cavalo  
  
O arrumador de carros  
agita os braços, indicando*

---

<sup>14</sup>TORGA, 2014: 187.

*um lugar disponível. Junto  
da praça da estátua equestre  
recolhe com a mão magra  
a gota de níquel, que mais logo  
lhe correrá nas veias<sup>15</sup>.*

Mas, a memória pode ainda apresentar-se sob a forma de diálogo com outros autores e artistas plásticos ou até mesmo com a pintura, a música, podendo ser entendida também ela como memória cultural e, portanto, de carácter coletivo:

*Thomas Bernhard*

*Dediquei-lhe um poema, há mais  
de dez anos, para o qual certamente  
se estaria nas tintas, se o lesse. É  
um dos raros escritores que conseguiu  
a difícil lucidez de detestar a pátria, essa  
obrigatória e durável fonte de equívocos  
e mal-entendidos. Por isso  
ele gostava de passar temporadas  
em Portugal, não pelo mar, nem  
pela comida, nem pelos modos  
amigáveis para turistas. Mas sim  
porque podia escutar uma língua  
sem ter de entendê-la<sup>16</sup>.*

É, portanto, desta noção de intertextualidade que se amplifica a ideia de memória enquanto palavra nua e crua, imagem, «tecido» ilimitado de ligações, afinidades, fragmentos.

Em *Câmara Escura*, mais do que uma recolha de «contida e rigorosa escrita», há antes uma alternância entre poemas curtos e longos, assentes numa lógica de sequencialidade orgânica e vincadamente serial, isto é, compõem-se de poemas claramente entrelaçados, numa límpida construção que prende e envolve de forma poderosa o leitor. Inês Lourenço é, desde logo, «criadora de ponderado verso, como verso calibrado por metrónomo, cortado por mão segura»<sup>17</sup>. Como uma faca. Sem paradas inúteis. Vertiginosamente, em que tudo é dito de forma lapidar e cristalina, mas sob um olhar simultaneamente ácido e sereno:

<sup>15</sup> LOURENÇO, 2012: 22.

<sup>16</sup> LOURENÇO, 2012: 32.

<sup>17</sup> MÃE, 2003b: 35.

*Arte Poética III*

*O poeta disse: a inspiração  
não existe. De há muito, as musas  
ficaram desempregadas. E desvendou  
algum método de trabalho  
à parca assistência, altivo e contemporâneo,  
enquanto lá fora o mar e as altas palmeiras  
resistindo ao tráfego do fim de tarde,  
pouco se interessavam  
pela carpintaria dos versos<sup>18</sup>.*

Oscilando entre uma escrita marcada por um universo feminino, sem ser feminista, e uma apurada sensibilidade do mundo, os seus textos são o reflexo de uma voz que espicaça a moralidade caquética da sociedade pequena, do quotidiano repetitivo, de um tempo marcado pela disforia.

É nesta capacidade de conferir ao discurso um outro olhar sobre as coisas, sobre as circunstâncias do mundo, que a sua poesia se reveste de originalidade, inventando e reinventando-se:

*Passageira*

*O poema que não  
surpreende nem afirma  
a inutilidade de si, nem ensina  
a olhar a certa dissolução  
das coisas, nem interroga  
o desencanto*

*É uma espécie de prurido  
nas nossas costas, coisa  
irritante e passageira  
que logo se esquece<sup>19</sup>.*

Em *Câmara Escura*, mais do que uma atenta observação da realidade que a rodeia, realidade que é tempo, corpo, alma; a poeta estabelece um pacto com o leitor, reconduzindo-o não só pelos meandros da memória, como também confrontando-o

---

<sup>18</sup> LOURENÇO, 2012: 33.

<sup>19</sup> LOURENÇO, 2012: 33.

com curiosos retratos dos anseios e das decepções do quotidiano. Aqui a palavra dá lugar a «emoções/e escárnios»:

*Alternadeiras*

*Contigo, leitor, celebro  
esta união sem facto, abro  
este habitáculo, algumas gavetas  
secretas para demorar contigo emoções  
e escárnios. És, talvez, como eu  
uma alternadeira de palavras, destas  
que vendem no papel, os objectos  
trucidados pelo olhar em lençóis  
de falsa transparência e ficção  
furtiva. Outras, mais reais  
e mais humanas, professam  
uma devastada arte de amar  
e nós um devastado amor  
à arte dos versos que ninguém  
lê. Só nós nos lemos  
uns aos outros, tal como elas  
se vigiam sobre o 'trottoir'<sup>20</sup>.*

Fernando Pinto do Amaral (1982) e João Barrento, entre outros, analisando a poesia portuguesa da pós-modernidade, diagnosticaram-lhe um generalizado e «difuso sentimento de melancolia»<sup>21</sup>. Ora, em Inês Lourenço não encontramos propriamente um fio condutor impregnado de melancolia, mas sim um turbilhão de sensações, resultantes de uma voz insubmissa e acutilante, que não esconde uma genuína vontade de transgredir, de sacudir mentalidades, recorrendo para o efeito a um tom sarcástico, mordaz, a uma ironia epigramática:

*Sessão Literária*

*Falam de perfeição. De perseguir  
ao menos em verso, esse vórtice de luzes  
e excelsa beleza ou  
beatitude que logrará*

<sup>20</sup> LOURENÇO, 2012: 26.

<sup>21</sup> BARRENTO, 1996: 79-94.

*a canónica obra. Velho  
enredo já sem graça divina  
nem humana.*

*Melhor falassem  
das batatas novas, que  
costumam aparecer  
antes da Páscoa<sup>22</sup>.*

Pedra angular da sua obra é também o pacto que a sua poesia estabelece com a força pura da palavra — o Verbo — a poesia enquanto «liberté libre»<sup>23</sup>, capaz de transfigurar, desmontar a realidade circundante. Com esse suave desmontar da realidade, Inês Lourenço, conquista o leitor e convida-o a participar na ‘sabotagem’ dos sentidos, dos temas, a envolver-se no poder salvífico da poesia. Só a poesia na sua plenitude poderá ser memória, recordação, lembrança no silêncio cortante:

*Arte Poética II  
(coda)*

*Poluída e rutila  
é a beleza de um verso  
cercado o movente sangue  
sobre a neve,  
lugar em bússola onde escassos chegam,  
sem país, sem linho, sol ou noite<sup>24</sup>.*

---

<sup>22</sup> LOURENÇO, 2012: 35.

<sup>23</sup> RIMBAUD *apud* ROSA, 1986: 28.

<sup>24</sup> LOURENÇO, 2012: 15.



## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Fernando Pinto do (1982) — *Na Órbita de Saturno*. Lisboa: Hiena.
- BARRENTO, João (1996) — *O Astro Baço: a poesia portuguesa sob o signo de Saturno*. In *A Palavra Transversal*. Lisboa: Cotovia.
- BRAGA, Daniela *et al.* (2001) — *Inês Lourenço: Um Quarto com Cidades ao Fundo*. «Apeadeiro, revista de atitudes literárias», n.º 1 (Primavera). Vila Nova de Famalicão: Quasi.
- GURREIRO, António (2012) — «Recensão». «Expresso, Atual», (17 março).
- LOURENÇO, Inês (2010) — *Coisas que Nunca*. Lisboa: & etc.
- \_\_\_\_ (2012) — *Câmara Escura: Uma Antologia*. Seleção de Manuel de Freitas. Lisboa: Língua Morta.
- MÃE, Valter Hugo (2003a) — *Métodos de Encantar Incautos*. «Público, Suplemento Mil Folhas», (15 março).
- \_\_\_\_ (2003b) — *Inês Lourenço e José Emílio-Nelson: a poesia de 80 em dois exemplos fundamentais*. «Esquina do Mundo – Centro de Estudos Ferreira de Castro», 1 (dez.). Vila Franca de Xira: Ed. Colibri.
- PAZ, Octavio (2006) — *Signos em Rotação*. Trad. de Sebastião Uchoa Leite. 3.ª ed. São Paulo: Perspectiva.
- ROSA, António Ramos (1986) — *Poesia Liberdade Livre*. Lisboa: Ulmeiro.
- SEIXO, Maria Alzira *et al.* (2001) — *Inês Lourenço*. In *Vozes e Olhares no Feminino*. Porto: Afrontamento.
- TORGA, Miguel (2014) — *Antologia Poética*. 7.ª ed. Lisboa: Dom Quixote.

